

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.014
ANO 52.º

9 de MARÇO
DE 1958

UM HOMEM MUITO FALADO QUE ENCORAJOU IMENSAS OBRAS NO SEU PAÍS E É ACUSADO DE DESPENDER ENORMES RIQUEZAS

MIOPE desde a infância, precocemente calvo e com certa tendência para a obesidade, que o faz parecer mais baixo do que na realidade é, o general Marco Perez Jiménez não tem qualquer semelhança física com Juan Domingo Perón. Mas a sua carreira política tem estranhas afinidades com a do ex-ditador argentino que presentemente passa a sua cómoda vida de exilado num dos magníficos apartamentos de Caracas. Como Perón, Jiménez pertence à casta dos militares que monopolizam os poderes da maior parte da América Latina; como Perón, foi eleito presidente quando tinha apenas a patente de coronel; como Perón, não acredita na democracia.

«Eu faço todos os esforços por dar à Venezuela o governo que melhor lhe convém» — disse Jiménez em 1955. «Podem considerá-lo um regime ditatorial, mas o meu país não está efectivamente preparado para uma democracia que o levaria insensivelmente a abusar da liberdade. Está ainda na infância, e necessita de vigilância. Deve haver um chefe que lhe indique o caminho sem ser preciso conquistar uma popularidade demagógica».

Houve, porém, uma diferença entre o «reinado» de Jiménez e Perón: a riqueza, em petróleo, da Venezuela. O petróleo, descoberto em 1922, transformou o país numa espécie do Eldorado da América do Sul, onde não ocorria mobilizar os «desacamisados» para ter nas mãos as rédeas do governo. Bastava ser dinâmico e saber o que queria, duas qualidades que não faltavam a Perez Jiménez e lhe permitiram tornar-se aos 44 anos um dos ditadores mais objectivos do Mundo. Nasceu em Michelena, perto de San Cristóbal. Dessa zona foram provenientes todos os generais que subiram à

presidência da Venezuela entre 1899 e 1945.

O grande Simão Bolívar, que em 1821 libertou a Venezuela da dominação espanhola, previu tanto este domínio dos militares que, antes de morrer, disse: «Na América do Sul o Equador será o convento, a Colômbia a universidade e a Venezuela a caserna!».

Em 1945, um liberal das esquerdas, de nome Rómulo Bettencourt, que chefiava o partido A. D. (Accion Democrática), tentou romper a tradição. E Perez Jiménez, que era então um simples major de artilharia, associou-se a ele, juntamente com o seu colega Carlos Delgado Chalbaud e outros dois jovens oficiais. A revolução saída desse consórcio A. D.-Exército, foi bem sucedida: Bettencourt tornou-se presidente interino e nomeou Delgado Chalbaud ministro da Guerra. Pela primeira vez na história, a Venezuela teve uma constituição, eleições livres e sufrágio universal que levaram à presidência Rómulo Gallegos, amigo de Bettencourt. Os resultados mais importantes desta revolução foram dois: um novo acor-

do com as companhias petrolíferas americanas, que estabeleciam o princípio do «fifty-fifty». (lucros de meio por meio) entre os americanos e o governo, hoje adoptado em todo o Mundo.

Jiménez parecia satisfeito. Sofreu várias tentativas de rebelião, uma das quais chefiada por seu irmão Juan, que ele não hesitou em man-

(Continua na pág. 3)



Marco Perez Jiménez com a família num retrato oficial tirado em 1953, quando a sua estrela política estava em plena ascensão

ARTISTAS PORTUGUESES

MARIA GALVÃO



SEGUNDO notícias vindas até nós e de que os jornais também já deram publicidade, deve partir no próximo mês de Agosto, para a Argentina, a artista Maria Galvão, grande valor do nosso teatro ligeiro.

Assim, não quisemos deixar passar a oportunidade que se nos oferecia para colher algumas informações para as nossas colunas, tanto mais que se trata de um valor que deixou as melhores impressões no público do Ultramar, por onde andou em digressão uma boa porção de anos.

Não nos foi difícil falar à artista, que a princípio nos recebeu com bastante reserva acabando por nos confessar:

— Sim. É verdade. Estou fazendo os meus preparativos para me fazer de abalada até à Argentina, onde penso não só trabalhar na rádio como até mesmo na televisão. Vontade não me falta e estou esperançada num grande triunfo.

— Como obteve essa sua viagem?

— Uma pessoa amiga que disfrutava de grande simpatia no meio teatral desse país, que no assunto se meteu com grande interesse.

— Vai então deixar-nos de vez?

— Não sei; o futuro o dirá. No entanto, se as coisas me correrem de feição, é natural que por lá fique. Compreende-se: em Portugal, onde há um bom lote de artistas que podiam formar um bom conjunto dos empresários quisessem, nada se faz nesse sentido. Como não querem, o artista para se poder manter tem de emigrar. Só depois dele se apresentar no estrangeiro é que lhe começam a notar o seu valor. Vejamos o que

acontece com: Tony de Matos, Luís Guilherme, Francisco José, Tomé de Barros Queiroz e tantos outros.

— Encara então o nosso meio artístico com tristeza.

— Sim; embora como já disse, disponhamos de bons valores.

— É verdade que você já trabalhou em Lisboa?

— Sim. Na festa da professora Maria Antónia Palhares, em 1947, na Academia de Amadores de Música, na E. N. e noutros programas vivos da rádio.

— Só nesses?

— Não. Trabalhei pouco depois no Porto, onde obtive um grande triunfo.

— Porque não continuou trabalhando...

— Eu digo-lhe: Ainda colaborei nalguns espectáculos públicos, tendo cantado com o tenor Domingos Marques o dueto do «Guarany» e a aria da «Traviata» de que me saí muito bem. Depois, os empresários... esqueceram-me e não tive outro remédio senão aceitar alguns contratos para África, onde colhi muitos triunfos.

Vimos que a artista Maria Galvão se mostrava um pouco nervosa e, mudámos por momentos o rumo à nossa conversa, sobre a sua abalada, para lhe falarmos dos seus colegas.

— Diga-nos, Maria Galvão: Qual o artista português que mais admira?

— Vilaret. Quanto a mim, o maior artista do nosso tempo, que conta os seus êxitos pelo número de interpretações que realiza. É um artista muito admirado no estrangeiro.

— E das nossas artistas?

— Sem dúvida alguma, Palmira Bastos, a grande continuadora do nosso teatro antigo.

— Para findar, diga-me. Tem algumas aspirações?

— Tenho. É fazer lá fora aquilo que não podemos fazer cá: trabalhar muito e o melhor possível de maneira a honrar o bom nome da nossa terra, e esquecer as horas amargas que o artista por cá passa, e a quem o público regateia o seu apoio. É triste dizê-lo, mas é verdade.

— Antes da sua abalada o que pensa fazer?

— Colaborar nalguns programas vivos da nossa rádio, muito especialmente no «Cliper Musical», onde penso actuar muito em breve.

E mais não disse Maria Galvão.

da até à América do Norte, onde está cumprindo vantajosos contratos não só na rádio como até mesmo na televisão, o artista português Raúl Mota, que em Lisboa, tem imensas «fans» suspirando pelo seu regresso.

Raúl Mota, continua a ser na América do Norte como o foi na do Sul, o menino bonito da rádio, graças à forma como interpreta os seus números, entre os quais se contam inúmeros de sabor regional português e a sua fina apresentação.

FRANCISCO JOSÉ

ESTE artista de quem não havia notícias há já bastante tempo, encontra-se presentemente em São Paulo, onde está fazendo sucesso. Dizem-nos notícias particulares, que Francisco José depois de um período de fracasso artístico na rádio, acabou por ser contratado para a televisão, onde está causando sucesso, o que é motivo para satisfação.

TONY DE MATOS

O cantor da «voz romântica» é de longe o artista número um, da embaixada artística portuguesa, actualmente no Brasil. Os seus contratos são os mais vantajosos que se possa supor, tudo fazendo prever que Tony de Matos fixará residência no Rio de Janeiro ou em S. Paulo, para não regressar tão cedo a Portugal.

FERNANDA ALVES

FERNANDA ALVES é uma artista de categoria. Tem cultivado em grande escala a rádio, o teatro e ultimamente a televisão.

Aluna bastante aplicada do nosso Conservatório, aí tem conquistado os melhores valores não só na classe dicção como até mesmo na de teatro e música.

Ainda ultimamente no Teatro Monumental esta nossa simpática artista, conquistou um triunfo que para todo o sempre ficaria gravado, na sua memória e no seu livro de recordações, como o melhor prémio obtido através da sua carreira de artista.

Nova ainda, muito há a esperar, estamos certos, do seu real talento, que o tem de sobra, e para isso muito tem contribuído a forma aturada como se tem aplicado na arte que abraçou num momento de grande inspiração artística.

Para a Fernandinha, — nome porque é conhecida, no meio artístico, — vão as nossas sinceras felicitações.

RAUL MOTA

DEPOIS de ter percorrido grande parte do Brasil, onde colheu imensos triunfos, fez-se de abala-

UM HOMEM MUITO FALADO

(Continuado da primeira página)

dar prender, mas que no segredo, formou «complot» contra a A. D., que a seu parecer tinha instaurado um regime demasiado liberal. «Não posso — dizia ele — admitir que o meu voto valha tanto como o de um analfabeto».

O seu amigo Delgado Chalbaud, que partilhava da sua opinião, tornou-se, entretanto coronel e ambos tinham por si a maioria dos oficiais superiores. Numa manhã de 1948, as tropas cercaram o palácio e Gallegos foi obrigado a abandonar o lugar. Uma junta militar, composta por Jiménez, Chalbaud e um outro oficial, assumiu o Poder, prendendo ou exilando os chefes políticos da Accion Democrática. O tribunal ou junta militar, presidida por Chalbaud, manteve-se na Venezuela por dois anos enquanto a situação se mostrou tensa e instável. Inesperadamente, Chalbaud foi atacado de imprevisto por um «fanático» que, por sua vez, foi abatido a tiros de revólver quando tentava fugir. A mulher de Chalbaud acusou Jiménez do atentado mas calou-se quando lhe foi estipulada uma grossa pensão e partiu para a Europa.

Só no Poder, Jiménez, a quem chamavam o coronel, traçou um vasto programa de obras públicas e dedicou-se a perseguir os seus adversários políticos, coadjuvado por Pedro Estrada, comandante da Segurança Nacional.

Concluída a «batida», Jiménez resolveu fazer-se eleger presidente e julgou poder conseguir-lo sem ter de recorrer a truques ou a pressões. Os primeiros resultados, porém, demonstraram que o povo estava a seu lado apenas na percentagem de um em dez. A relação dos resultados foi imediatamente suspensa. Os jornais receberam ordem de esperar pelas listas oficiais e dois dias mais tarde publicou-se uma informação na qual se dizia genericamente que o partido do governo vencera por maioria! Foi isto em 2 de Dezembro de 1952, e desde então a data tem sido pontualmente celebrada com a inauguração de inúmeros edifícios públicos.

O nome de Jiménez tornou-se sinónimo de dinamis-

mo e bem-estar, se bem que o bem-estar fosse mais aparente que real. E a Venezuela tornou-se o país em que as cidades se expandiam e modernizavam em ritmo acelerado, e o dinheiro girava a rodos. Os grandiosos projectos de obras públicas concebidos por Jiménez, fundavam-se na fabulosa riqueza dos jazigos de petróleo do vale Orinoco. Dois milhões e setecentos mil barris por dia, com possibilidade de aumentar para 1,80% em 1966, cem contar com o rendimento das indústrias derivadas do petróleo, absolutamente florescentes. Esta extraordinária disponibilidade de capitais acompanhada de uma política proteccionista que susteve as indústrias ineficientes aumentou a produção em todos os ramos, permitindo até uma rápida mecanização da agricultura que no presente produz 1,85% dos géneros alimentares necessários à Venezuela.

«Roma teria sido esquecida — disse um dia Jiménez — se não tivesse deixado as suas avenidas e aquedutos». Aparentemente ansioso de passar à história como o César da Venezuela, Jiménez deu um fanático impulso sobretudo à construção de moderníssimas auto-estradas e de palácios de todo o género, permitindo aos arquitectos as mais estranhas bizarras de concepção nos seus ousados projectos. Esta frenética actividade produziu um resultado maravilhoso e simultaneamente paradoxal. Em Caracas, onde a população triplicou, reunindo um milhão e cem mil habitantes, as estradas e ruas mudam de aspecto, tão claramente que os visitantes não as reconhecem de ano para ano. Edifícios brancos, amarelos, rosados e azuis recortam-se no anfiteatro das montanhas. Nas grandes lojas ultramodernas, ouve-se o «slogan» «compre hoje e pague amanhã», o que deu como resultado que, seduzi-

das pelo convite, as populações dos bairros pobres de Caracas, adquiriram magníficos apetrechos eléctricos americanos, continuando a ir buscar água à fonte, em bilhas que traz à cabeça, porque não tem em casa água canalizada nem torneiras. Seis mil milionários se orgulham de ter dois carros «Cadillac» na garagem, mas os economistas calculam que 90% dos trabalhadores da Venezuela ganham três dólares por dia e ainda menos.

O regime construiu novas escolas, mas não aumentou a manutenção das populações sempre crescentes (a Venezuela tem hoje 6.133.900 habitantes, 200.000 dos quais emigrantes italianos, 80.000 só em Caracas) — tanto que, cerca de metade dos venezuelanos é analfabeta.

O contraste entre as aparatosas obras do regime e as necessidades reais da população criou um descontentamento sempre crescente, sobretudo entre os venezuelanos não ligados directamente ao ditador. Há tempo, o arcebispo Rafael Arias, o mais alto expoente da Igreja Católica, condenava numa carta pastoral a «íniqua distribuição da riqueza» verificada na sua diocese e censurava a abolição dos sindicatos e a negligência do governo perante o problema do desemprego. Noutros ambientes de oposição clandestina, entre os quais a aviação militar, composta de jovens oficiais preparados nos Estados Unidos, criticava-se abertamente a corrupção do governo e dos seus funcionários, que exigiam impostos entre 10 e 30% em cada contrato estipulado com as entidades estaduais.

Nesta atmosfera, Jiménez, do alto do seu poderio, quis transformar as eleições presidenciais num simples plebiscito, que deixava aos venezuelanos a escolha entre o voto pelo mesmo Jiménez ou um simples «não». Naturalmente, Jiménez sabia que não podia vencer, tanto que o seu ministro do

Interior, Vallenilla Lauz, convocou os correspondentes externos duas horas depois do encerramento das urnas, para lhes anunciar os resultados com uma pistola armada bem à vista de todos sobre a secretária.

A revolta de Capodanno, falhada no espaço de poucas horas, teve origem nestes factos. O sinal partiu da base aérea de Maracai, onde residem os jovens oficiais da aviação. Aviões de caça tomaram sobre Caracas, metralhando o palácio presidencial, mas o exército que devia reunir-se-lhe sob o comando do general Ugo Fuenes não se manifestou porque a «Segurança Nacional» mandou prender o comandante, que se tornara suspeito.

No dia seguinte, Jiménez pôde anunciar pela rádio que o golpe falhara. Ordenou aos órgãos de Imprensa que publicassem artigos condenando os revoltosos, mas o director do jornal católico «La Religión» recusou-se a fazê-lo, afrontando de cara erguida os guardas do ditador que o prenderam juntamente com quatro sacerdotes.

Um dia depois, a oposição, sempre mais manifesta a dos oficiais de aviação, e o clero constrangiam Jiménez a reconstituir o seu governo, demitindo os dois membros mais odiados: o ministro do Interior, Vallenilla Lauz, e o comandante da polícia, Pedro Estrada. Nas últimas semanas, Pedro Jiménez era ainda presidente da Venezuela, mas a composição do novo governo, que conta com jovens coronéis estranhamente semelhantes a Jiménez de 1948, lançou uma sombra de aterrador incerteza sobre o futuro do «homem forte». Os aviadores, o clero e os velhos sequeiros dos partidos por ele dissolvidos, esperam apenas o momento propício para lhe lançarem a mesma sentença que a Perón.

LÍVIO PESCE

PERSISTÊNCIA

Na antecâmara de um ministro. O secretário para um sujeito de bastante idade.

— O senhor não se envergonha de solicitar, na sua idade, um lugar de amanuense?

— Não, senhor, porque a minha pretensão não é de agora. Há quarenta e cinco anos que anda a solicitá-la.

LEIA AOS SABADOS

«SECULO ILUSTRADO»

PREÇO 2\$50

O MELHOR MAGAZINE
PORTUGUÊS
COM MAGNÍFICA
REPORTAGEM GRÁFICA

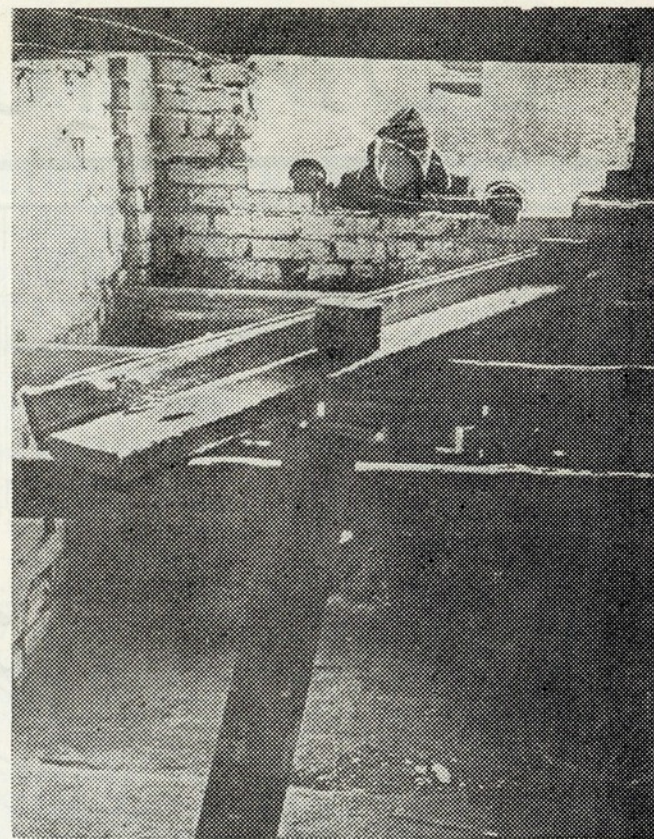


PÁGINA GRÁFICA

DE
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA





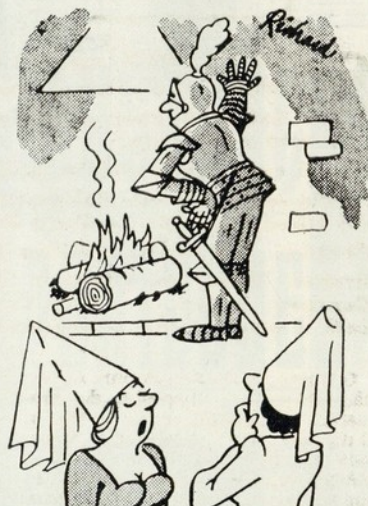


★ BOM HUMOR ★



— A desgraça entrou nesta casa quando ela comprou um vestido trapézio...

★★★★★★★★



— É muito atencioso. Aquece sempre a armadura antes de me dar o beijo de despedida.

★★★★★★★★



SEM PALAVRAS



— Tenho a impressão de que o homem do trombone de varas tem ciúmes...

★★★★★★★★

SOPHIA LOREN

FALA SOBRE ALGUNS ASTROS DO CINEMA

Por ART BUCHWALD

SOPHIA LOREN, um dos dois mais famosos símbolos da Itália — o outro é Elsa Maxwell — come, ao almoço, feijão branco e caviar (não sabíamos como começar esta entrevista).

A conhecida estrela italiana começou a trabalhar, há já alguns anos, em Hollywood, e tomou parte em numerosos filmes ao lado de Cary Grant, Frank Sinatra, Anthony Perkins, Bill Holden, Allan Ladd, John Wayne e Rossano Brazzi. Deve um filme à Paramount, dois à Twentieth Century, e um à Hetch-Lancaster, e trabalha também com o seu marido, o produtor Carlo Ponti.

O único país, onde Sophia Loren não se mostra disposta, de momento, a trabalhar é a Itália. O divórcio não é reconhecido neste país. Carlo Ponti divorciou-se no México com o consentimento da sua primeira mulher, mas, para evitarem aborrecimentos e fugir à publicidade, decidiram manter-se afastados, durante algum tempo, da Itália. Entretanto, a indústria cinematográfica italiana está a atravessar uma grande crise, tendo os produtores italianos procurado já, por todos os meios, convencer ambos a regressar ao seu país. De qualquer modo, Carlo Ponti tenciona fazer os seus próximos dois filmes nos Estados Unidos, onde ninguém se preocupa com divórcios.

Sophia Loren, que conta presentemente, 23 anos, gosta imenso de trabalhar. «Nunca me sinto fatigada»

«Que aprendeu desde que começou a fazer filmes?»

«Aprendi a viver», diz-nos Sophia. «Sinto-me agora menos deprimida que antigamente, e consegui libertar-me já de muitos dos meus complexos».

«Qual o motivo da sua depressão e dos seus complexos?»

«Vê-se bem que nunca viveu numa pequena cidade italiana», respondeu Sophia. «O casamento» prosseguiu, «veio proporcionar-me uma sensação de segurança. Uma actriz necessita de alguém que tome conta nela. Não tomei decisão alguma sem consultar Carlo».

Sophia Loren tinha um contrato com Carlo Ponti antes de o desposar. Quando casaram, Ponti rasgou, imediatamente, o contrato.

Punhamos agora de parte os factos e façamos algumas perguntas argutas.

«Pode dar-nos a sua opinião sobre algum dos ricos e famosos astros de cinema com quem tem trabalhado?»

«Qual deles?»

«Gary Grant, por exemplo».

«Pertence ao tipo estritamente

profissional. Nunca sai fora do seu papel. Desempenha sempre a mesma personagem — Gary Grant — e fá-lo maravilhosamente».

«E Frank Sinatra?»

«Durante a filmagem de «Orçulho e Paixão» andou sempre muito preocupado. Não tive ocasião para o compreender. Mais tarde, porém, pude verificar que era muito difícil ser-se amigo de Frank Sinatra. No entanto, quando ele quer, é um verdadeiro amigo. Dizem que é um grande amoroso mas, quanto a mim, é o homem mais bondoso que tenho conhecido».

«E Allan Ladd?»

«Nunca senti, realmente, que estava a trabalhar com ele. Não se mostrou nem bom nem mau. Nunca houve grande simpatia entre nós»

«Bill Holden?»

«É um homem muito calmo e um excelente pai. Parece e comporta-se como um rapaz muito nosso amigo»

«Anthony Perkins?»

«É um autêntico rapaz e não é difícil de entender».

«John Wayne?»

«As nossas relações foram um tanto estranhas porque ele era, simultaneamente, produtor do filme. Não tivemos ocasião de nos preocuparmos muito um com o outro por causa do calor. Só pensávamos no deserto. A Líbia não é o local mais indicado para fazer amigos ou estabelecer relações».

«Rossano Brazzi?»

«Tenho ouvido chamar-lhe o novo Valentino. Quanto a mim, pertence ao tipo caseiro. Muito simples e muito italiano».

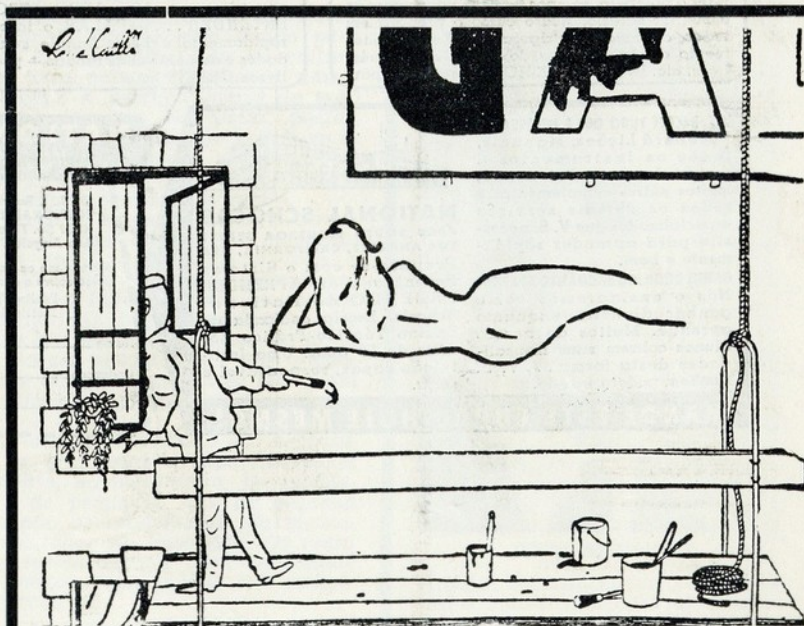
«Vittorio de Sica?»

«Para as actrizes italianas é um verdadeiro santo. O pai de todas nós. Todas confiam nele e todas gostam dele».

«E que me diz ao facto de ter de beijar todos esses homens durante as filmagens? Que impressão lhe causa isso?»

«Nunca estou a pensar nos beijos. Estou a pensar, sim, se tenho as mãos onde devo tê-las, se tenho o rosto em boa posição, e se a «maquillage» está em boas condições. Há tantas coisas em que pensar que não chego, nunca, a perturbar-me. De resto, não é nada divertido beijar um homem diante duma centena de técnicos...

(De «NEW YORK HERALD TRIBUNE»)



SEM PALAVRAS

V. S. TAMBÉM PODE TRIUNFAR!
Leia o que dizem estes alunos!



"Devido ao curso tão completo" que estudei na National Schools, hoje tenho oficina própria e obtenho ótimos lucros."

Antonio Lopes



"Hoje desempenho uma importante colocação na Companhia de Aviação onde trabalho, graças aos ensinamentos de National Schools."

Henrique Serra

O QUE ELLES FIZERAM V. S. TAMBÉM PODE FAZER

GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE SEU FUTURO!

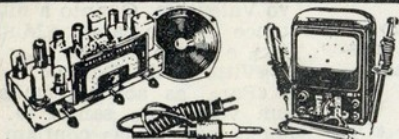
Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres

4 Atividades Repletas de Amplas Oportunidades PREPARE-SE HOJE!

GRÁTIS

CATÁLOGO E
LICIAÇÃO-AMOSTRA
PEÇA-OS!

RÁDIO, TELEVISÃO E ELECTRÓNICA



Ingresse nesta indústria vigorosa! Seja V. S. um Técnico de Rádio-TV. Aproveite as múltiplas oportunidades de ganhar mais, que existem neste campo produtivo. National Schools lhe oferece o Curso mais EFICIENTE, COMPLETO E ECONÓMICO. Mande o cupão e receberá informações completas!

MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL



São necessários mecânicos competentes... que dirijam obras... que respondam por trabalhos bem feitos. Estes são os mecânicos que GANHAM BEM... e V. S. PODE SER UM DELES! Nosso curso o prepara em toda classe de motores, e o capacita para postos bem remunerados. Solicite informação HOJE MESMO!

ELECTRICIDADE PRÁTICA



Toda Indústria depende da Electricidade. Por isso, se V. S. estiver preparado neste campo vital e próspero, sempre terá um bom emprego e melhor salário. Nosso curso o prepara em todas as fases: Refrigeração, Acondicionamento de Ar, Reparos de Aparelhos Domésticos, etc. INVESTIGUE HOJE—Envie o Cupão!

INGLÊS PRÁTICO COM DISCOS



Se V. S. aprender INGLÊS... não haverá limite a suas possibilidades em seu emprego, profissão ou negócio! Com nosso curso comprovado, aprende a LER... ESCRIVER... ENTENDER... e FALAR o idioma Inglês rapidamente e bem. Amplie suas oportunidades e aumente suas rendas — peça seus dois livros GRÁTIS hoje!

V. S. RECEBE TUDO QUE É NECESSÁRIO
Receberá Lições, Manuais, todos os instrumentos e material mostrados acima, muitos outros complementos e todos os demais serviços especializados que V. S. necessita para aprender rapidamente e bem.

GANHE DINHEIRO ENQUANTO APRENDE
Nós o ensinaremos como ganhar dinheiro enquanto aprende. Muitos de nossos alunos cobrem suas mensalidades desta forma... V. S. também poderá fazê-lo.



NATIONAL SCHOOLS

4000 SOUTH FIGUEROA STREET
LOS ANGELES, CALIFORNIA, USA
Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

NATIONAL SCHOOLS

Ensina Técnico-Prático desde 1905
LOS ANGELES, 37, CALIF., U.S.A.

Dr. L. J. Rosenkranz, Presidente
NATIONAL SCHOOLS
4000 So. Figueroa St.
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Depto. PCG

Mande-me os dois livros GRÁTIS, com informação completa sobre o curso de (marque somente um curso).

☐ Rádio-TV ☐ Mecânica Automotriz
☐ Electricidade ☐ Inglês-Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Est. _____ País _____

MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO!

Indique neste
cupão o Curso
que lhe interessa